ANO 12.º | Segunda-feira, 1 de Setembro de 1919 | Numero 588

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Abaixo!

O Parlamento ocupou-se numa das suas sessões transactas do modo como estão funcionando os tribunaes militares, que, longe de oferecerem garantias á Republica, se constituiram em passa culpas dos cabecilhas monarquicos para só condenarem as figuras secundarias do movimento insurreccional, dando-nos a impressão duma imparcialidade ficticia ou mostrando-se, sem rebuço, em franca hostilidade com o regimen que lhes tolera a ousadia. Nessa sessão, que já agora ficará memoravel, houve mesmo quem classificasse de escandalosas certas absolvições, aventando-se a ideia, apoiada por todos os lados da câmara, de ser concedida uma ampla amnistia, qus abranja todos os crimes politicos, tal a desigualdade das penas com que teem sido mimoseados os inimigos da Republica.

O espectaculo, é realmente, dos mais edificantes, e a atitude dos parlamentares em face do que se está passando de desairoso para as instituições, não a podemos condenar porque representa tambem o nosso sentir perante as irregularidades cometidas e que tanto estão depondo contra o prestigio do exercito, onde a nobrêsa deve emparceirar com a honra, o brio com a dignidade, o respeito com a decencia, para que ninguem, absolutamente ninguem, ouse mancha-lo nas suas prerogativas ou alcunha-lo de menos zeloso dos seus direitos e atribuições.

Acabe-se, portanto, com a farça dos julgamentos, que é melhor. Dissolvam-se os tribunaes militares. Deite-se abaixo isso que para aí está comprometendo a nação, afrontando os sentimentos republicanos do povo português, mas cuidado que a Rua se não levante para fazer justiça por suas proprias mãos, visto fáltar-lhe em quem confiar.

O sr. presidente do ministerio atribue o que se está passando ao facto de as testemunhas de defêsa dos réus nunca faltarem, enquanto que as de acusação nunca aparecem.

Sim; tambem deve exercer influencia no animo dos que se apresentam com vontade de serem justiceiros essa eloquente manifestação de cobardia. Para que persistir, pois? Para que continuar o triste espectaculo se a Republica sáe sempre mal ferida desses simulacros de julgamentos a que estão sendo sugeitos os heroes da traulitania?

Os parlamentares que optam por uma amnistia geral como maneira de reparar as revoltantes injustiças praticadas e que nesse sentido franca e abertamente se pronunciaram, teem razão. O que está não póde nem deve continuar e os que expiam penas gráves, como, por exemplo, o filho do director de *O Dia*, cuja responsabilidade no movimento monarquico é tão insignificante, que já provocou protestos na imprensa republicana de Lisboa e Porto, teem direito a uma reparação imediata, que urge não demorar, para honra da justiça contra a qual se despedem a esmo os mais rudes e traiçoeiros golpes.

Não. O que se está passando é intoleravel por inaudito. Atinge as raias do inverosivel, sobreleva o cumulo da audacia em materia de desrespeito.

Por isso juntâmos o nosso brado aos que do alto da tribuna parlamentar são despedidos contra a inqualificavel atitude dos tribunaes militares:

Abaixo! Abaixo! Abaixo!

Films...

Felizmente

O snr. Delegado de Saude já anda na rua. Vimo-lo nós, na terça-feira, de sobretudo no braço, vir dos lados da Alfandega ainda não eram 8 horas. Para quem esteve tão encomodado que foi preciso anunciar que não visitaria doentes, achámos cêdo. No entanto, ninguem melhor do que s. ex.ª para avaliar da urgencia e da necessidade dos que o chamam. Mas cautela com as recaídas...

Novo golpe

Diz-se que os exilados politicos se estão preparando em Espanha para um novo golpe contra a Republica Portuguêsa.

A apostar em como não são capazes?

Dr. Samuel Maia

Faz hoje um mez que ele morreu.

Homem culto, espirito desempoeirado de preconceitos, lhano no trato, afavel nas maneiras, franco como todas as almas bôas, e generoso como todos os filosofos, Samuel Maia dorme o sono eterno aureolado pela saudade dos amigos, que o não esquecem, dos companheiros, dos conterraneos, dos colegas, dos correligionarios que dele se não separam, recordando-o como se lhe escutassem ainda o palpitar do coração e nele existisse a chama que durante a vida espalhou reverbéros de luz em paginas da mais elevada concepção artistica, de que são exuberante prova as suas produções adrede disseminadas pelos jornaes, desde a mocidade, os seus livros, os seus panfletos, enfim.

Ha um mez que Samuel Maia nos deixou e para sempre desapareceu do nosso convivio!

Ha um mez que Ilhavo, o seu querido torrão natal, se vestiu de crepes para o acompanhar á ultima jazida e dizer-lhe o derradeiro adeus! Não tomámos parte no funebre cortejo nem podemos, pela força das circunstancias, associarmo-nos ás ultimas homenagens que então lhe foram prestadas. Mas aqui estâmos hoje, trinta dias volvidos sobre a data sinistra que envolve um dos republicanos mais ilustres e dos de maior talento da região, a render-lhe tambem o nosso preito de saudade, visto termos perdido no dr. Samuel Maia um amigo dilecto, um camarada distinto, um correligionario valioso.

O dr. Alberto Souto, orando junto da campa que ia receber nas suas entranhas o corpo inanimado do antigo companheiro de luta pelo ideial que ardorosamente defendemos nestas colunas, disse que Samuel Maia foi um artista que passou a vida, desbaratando o seu enorme talento perdido numa insaciavel sêde de belêsa, num meio estreito de mais para os seus grandes merecimentos e para as suas singulares qualidades.

Com efeito, assim o devemos constatar. Samuel Maia escritor, pintor, dramaturgo, poeta, teria brilhado e ter-se-ia erguido muito acima das suas faculdades natas se após a formatura as tem sabido aproveitar e com elas segue e escolhe outros horisontes mais vastos para o desenvolvimento da sua mentalidade previlegiada. Mas aconteceu que Ilhavo, tendo-lhe manietado os movimentos, pelo muito que lhe queria como filho, o não deixou expandir-se em largos vôos, ali permanecendo até que a morte o veio surpreender aos 50 anos, minado pela tuberculose e sem de nada lhe terem valido os cuidados de que se fez cercar aos primeiros rebates da terrivel doença.

Sumiu-se, portanto, do proximo concelho, um dos homens de maior valor intelectual que teem aparecido na terra onde já floresceram os altos espiritos do arcebispo Bilhano, do padre José Candido e de Julio da Conceição.

E o *Democrata*, que o contou no numero dos seus primitivos redactores, faltaria a um dos mais sagrados deveres se lhe não prestasse esta singela homenagem, associando-se ao luto que ensombra o coração de quantos pelo pranteado morto tinham verdadeira estima e ilimitada consideração.

* * *

Samuel Maia era filho do engenheiro Manuel Tavares de Almeida Maia e de D. Vitorina Tavares dos Anjos Maia.

Nasceu a 28 de março de 1869, concluindo a sua formatura, que foi das mais brilhantes, em 1896.

Foi sub-delegado de saúde desde julho de 1905, administrador do concelho de 1910 a 1913, membro da Junta Geral do Distrito desde 1912 a 1917 e governador civil substituto desde 1915 a 1916.

O seu nome apareceu incluido na lista dos candidatos republicanos em 1909.

Fundou e dirigiu jornaes academicos e republicanos, como o *Rebate*, o *Diabo* e outros; abriu os alicerces do *Centro Republicano Ilhavense*, e havendo sido, em 1894, convidado por os socialistas do Porto a aceitar uma candidatura, na *Casa do Povo*, daquela cidade, realisou algumas conferencias, evidenciando o brilhantismo do seu talento e a vastidão dos seus conhecimentos.

Das suas produções poderemos citar *A Dôr Humana*, brilhantissimo trabalho que foi a sua tése; *Abraão patriarca biblico*, que deixou incompleta e da qual publicou alguns excértos na revista lisbonense *Branco e Negro*; os dramas em prosa *Busto de Mulher*, *Promessa á Virgem*; em verso *Berinice da Judeia*, *D. Diniz de Portugal*, *Amoroso Enleio* e *Ao Acaso*, inedito; a opereta *Regedor das Palhoças*; *Livro de Enciclicas* e o *Livro da Alma*, produto do seu espiritopoetico e apaixonado.

Deixou, alêm disso, muita outra colaboração dispersa, que alguem pensa reunir como saudosa homenagem ao finado, tornando-a conhecida.

* * *

Presentindo a morte, o dr. Samuel Maia escreveu uma longa carta com disposições intimas e da qual nos foi concedida autorisação para reproduzir os seguintes periodos:

Declaro que a doença de que sofro é uma tuberculose pulmonar de fórma sub-aguda pelo rapido desenvolvimento que desde o seu inicio manifestou. Rasões de ordem moral me levaram a ocultar a doença de que sofro e principalmente a de não querer que as pessoas minhas amigas, sabendo-me atacado de doença reputada incuravel, com isso se afligissem. Como vou saír para o hotel sanatorio do Caramulo e posso ter a infelicidade de por lá morrer, se o ar da montanha me não restaurar um pouco os pulmões avariados, faço esta declaração mesmo para desfazer um certo numero de atoardas que a proposito da minha doença por aí tem corrido, qual delas a mais estupida.

. . . .

De fórma alguma quero ser enterrado em caixão de chumbo. Filho da Terra á Terra quero voltar, entrando assim na quimica incessante da Vida, cuja evolução é permanente e eterna. Durante a vida segui sempre este lema: fazer o menos mal que pudesse ainda mesmo quando a ingratidão de muitos miseraveis merecia sevéro castigo.

Aos meus amigos, aos verdadeiros amigos, aqui deixo consignada a minha nunca desmentida gratidão e a minha saudade. Fui sempre um amigo devotado de Ilhavo e se mais não fiz por esta terra, foi porque, no geral, as classes abastadas deste concelho, são as menos patriotas que eu conheço, dominadas por um egoismo feroz. Muito mais teria a dizer sobre o assunto, mas para quê? Não eram as minhas palavras que os demoveriam do seu utilitarismo.

Ilhavo, 7 de maio de 1919.

(a) **Samuel Tavares Maia**

Ao sr. presidente da Câmara

No espirito de todos nós está assente a convicção do decidido empenho de que V. Ex.ª se acha possuido na parte tocante á realisação de melhoramentos, que não só tragam um resultado pratico e benefico, propriamente dito, para a população, mas tambem o engrandecimento e embelezamento de Aveiro, ha tanto lançada ao abandono, apezar de todas as magnificas condições topograficas e belezas naturaes que possue para o seu desenvolvimento, tão poucas vezes aproveitadas por aqueles cujas influencias e preponderancias pessoaes e politicas, tanto se prestavam a obras de vulto e de reconhecida utilidade publica.

Não é, porêm, para agora a justa e sevéra critica que, incontestavelmente, merecem quantos assim procederam.

As palavras que escrevemos, independente do aplauso que implicam á obra do dr. Lourenço Peixinho que, como bom filho e consciencioso admirador desta formosa terra, se empenha em el va-la, antes de tudo e acima de tudo, devem ser tidas como um incitamento a todos os aveirenses, afim de que espontaneamente se esforcem para o complemento e realisação do grande plano traçado, ajudando a leva-lo a cabo e concorrendo por todos os meios ao seu alcance—e que não são poucos—para que Aveiro conquiste entre as capitaes da provincia, o logar de destaque que lhe compete. Ora para isso é necessario que desde já terminem todos os abusos que, á força de tolerancia, se tornaram habitos e que todos os dias e sob todas as fórmas se praticam impune e impropriamente, com vergonhoso reflexo em quantos lhes cabe a obrigação de os evitar.

Nem uma postura, nem uma determinação policial é cumprida entre nós—vergonha é dize-lo.

Por sua parte, o serviço tanto da policia como dos fiscaes da Câmara, é simplesm nte indecoroso.

E, assim, quando por um lado se procura, atravéz de tanto esforço e pertinacia, transformar a cidade, abrindo avenidas, alterando em diversos pontos o seu traçado, modificando-a, enfim, de fórma a impôr-se aos que nos honrem com a sua visita, os proprios naturaes, num abandono digno da mais justa reprimenda, cometem toda a casta de tropelias e de desrespeitos pelas mais insignificantes regras da decencia, da higiene e da limpeza.

Em várias oficinas os operarios estendem para a via publica os seus trabalhos, como se a rua fôsse uma ampliação dessa oficina, atravancando-a não só com a propria obra entre mãos, como reunindo carros e outros apetrechos que esperam dias consecutivos a sua vez, como se tudo isto fôsse a cousa mais regular.

Isto não se póde consentir nem se consente em parte alguma.

Outros estabelecimentos agrupam, fóra das portas, mostruarios das suas especialidades, pondo em verdadeiro risco os transeuntes.

Rebanhos de ovelhas passeiam pelas ruas da cidade, devastando os pontos onde o dono, a quem fazem essa concessão, os deixa dias inteiros, devorando tudo; os cães enxameiam perigosamente por toda a parte sem um açâmo, sem a mais leve precaução a evitar uma desgraça; ha frontarias de predios e muros de resguardo que são uma autentica vergonha, como se póde vêr, em especial, na Rua do Gravito, talvez por ser a mais procurada entrada para a cidade; sacodem-se de todas as casas tapetes e atiram-se os lixos das varandas para cima de quem passa; não se consegue evitar que atravessem os Arcos e o Largo da Republica creaturas com carregos de toda a especie e que tambem transitam, sem reparo, pelos passeios das ruas; as galinhas e outros animaes fazem avenida a toda a hora no Côjo, de onde, em nome da propria dignidade desta terra, se deveria fazer desaparecer uma estrebaria repugnante e perigosa para a saude publica ali existente, albergue, tambem, de todos os andrajosos que por aí vagueiam; admite-se a venda de frutas pôdres e verdes que se manteem em condições intoleraveis, por todos os principios; bicicletas e carros sem luz percorrem de noite as ruas em desordenadas correrias; os condutores de carros de bois não vão á frente dos mesmos, pelo que os desastres se multiplicam da maneira que se tem visto, etc., etc.

Evidentemente não faz sentido o que se passa e o que se tolera com o empenho e com os trabalhos iniciados, tendentes a transformar a cidade, dando-lhe o que tão necessario se torna.

Não faz sentido, repetimos, que emquanto por um lado se procura levantar a terra, colocando-a num plano progressivo e benefico, por outro se consinta na consumação e prática de abusos que são, alêm de intoleraveis, um perigo incontestavel sob todos os pontos de vista para a população da cidade, que não póde estar á mercê da conveniencia duns e da estupidez doutros.

Fechando estas ligeiras considerações, esperâmos que o ilustre presidente da Câmara as tomará na devida conta, e, como é proprio do seu caracter, se apressará a providenciar de fórma a salvaguardar o bom nome de todos que teem por este belo rincão o devido culto.

Excursão de Coimbra

A Sociedade de Excursão e Recreio 2 de Setembro, realisa nos proximos dias 6 e 7 do corrente, uma excursão a esta cidade na qual tomarão parte grande numero de familias dos socios daquela colectividade.

O *Democrata* congratular-se-á vendo de novo em Aveiro os habitantes

Dessa Coimbra
Lendária terra

que aqui gosam das mais fundas simpatias.

COMERCIO

Participam-nos os snrs. Mario da Cunha Mota, Horacio Rezende, Eurico Oliveira e Manuel Nunes, que acabam de constituir-se em sociedade por quotas, sob a razão social de *Mota & Horacio, L.da* para o exercicio de comissões, consignações e conta propria e para a exploração do fabrico de colas, cuja fabrica *A Lusitana*, de Nevogilde, Porto, já adquiriram, começando em breve a sua laboração.

Muitas prosperidades.

Um caso de demencia

———(*)———

Providencias a quem compete

Ao terminarmos o nosso ultimo artigo neste jornal, dissémos que o Faustino chamára *canalhas* a todos os conservadores que, em homenagem funebre, acompanharam á ultima morada um republicano sincéro, falecido em Ilhavo, o que fez com que todos se retirassem magoados, dizendo uns para os outros:

— Isto é um doido, um maluco insuportavel na sociedade. Ha muito que devia estar internado em um manicomio se em Ilhavo houvessem autoridades.

Como vêem, o Faustino, inconscientemente, convertera uma manifestação prestada a um ilustre filho de Ilhavo, em comicio republiqueiro e provocava a desordem num logar onde só devia reinar—deixem passar o termo—a paz e o socêgo.

Provocava a desordem, dissémos e bem, porque, segundo ouvimos, muito caro ficaria ao tal Faustino o atrevimento que teve de á beira duma sepultura despejar insultos sobre cidadãos honestos e pacificos republicanos, se todos não estivessem convencidos de que o Faustino era um doido. Talvez já ali ficasse a fazer companhia áquele que acompanhavam pela ultima vez.

Valeu-lhe o ser doido; a doidice desculpou-o.

Nos comentarios que á volta do cemiterio se faziam, recordava-se que o mesmo Faustino, por ocasião duma festa da arvore, realisada ha anos em Ilhavo, parlengando ás creanças do alto da varanda do João Rigueira, disse que *todas as creanças deviam estimar arvores, trata-las com amor e carinho, pois delas fizera a Republica as primeiras caravelas para a descoberta do Brazil e delas devia ser feito o caixão que os levaria á sepultura.*

Ora vejam para que lhe havia de dar a maluqueira!

Como o sr. Faustino sabe fazer historias e educar creanças! E' um doido, um larvado, diz-nos o nosso ilustrado e digno informador, com mágua de não nos poder repetir o chorrilho de disparates de grosso calibre que o Faustino despejou da varanda, em catadupas.

Longo era o rosario de tolices e inconveniencias que aqui podiamos apresentar como prova da demencia do tal sr. Faustino, que, pelas informações que temos, ainda não foi internado em qualquer manicomio. Continúa ainda á solta pelas ruas e praças da visinha vila de Ilhavo para terror dos seus pacificos e laboriosos habitantes e gaudio do rapazio.

Mas deixemos isso á responsabilidade da autoridade competente, que parece estar fazendo ouvidos de mercador e continuemos.

O tal sr. Faustino, como já tivemos ocasião de dizer, é um maluco com a mania da perseguição, o que o torna mais perigoso e muito mais para recear e temer. Neste periodo agudo da doidice que parece ter atingido o seu auge, o Faustino, julgando-se perseguido, faz-se sempre acompanhar de um grande *canhão*, que alguns dizem ser de calibre 42.

De *canhão* ao lado ele percorre as ruas daquela vila com ares troanescos e modos provocadores. A' passagem de qualquer pessoa faz esgares e caretas, põe-se em bicos de pés e ao mesmo tempo recua dois passos para tomar posição belica, aponta com gestos ridiculos e ameaçadores o *canhão* que traz ao lado.

A figura é grotesca, provoca o riso e póde servir de passatempo a qualquer aldeão que passa, mas torna-se vergonhoso para todos e para a sociedade.

Sobre a antiguidade e procedencia do *canhão* de que o tal Faustino se faz acompanhar, pouco ou nada podemos dizer de positivo, pois são muitas e variadas as versões que correm mundo a tal respeito. Além disso não possuimos conhecimentos técnicos que nos habilitem a fazer uma discrição exacta e rigorosa de tal instrumento de guerra.

A titulo de curiosidade—pois pouca importancia teem para o fim que temos em vista—apenas mencionaremos aqui essas diferentes versões para que os leitores, se especialistas forem nesta materia, possam formar a sua opinião e dizerem da sua justiça.

Dizem uns que é um *canhão* antiquissimo que já servira na guerra dos *cem anos*. Parece-nos esta versão inteiramente falha de verdade, pois não nos consta, nem a historia reza, que naquela guerra se usassem de tais instrumentos.

Aventam outros que a sua antiguidade não vae além das campanhas de Napoleão. Ha mesmo quem chegue a dizer que o *canhão* do sr. Faustino foi encontrado nos campos de Waterloo por um celebre arquiologo, cujo nome ninguem sabe dizer, e trazido a Portugal por qualquer amador de cousas antigas para figurar em algum muzeu, e que depois, não se sabe como, veio parar ás mãos do sr. Faustino.

Tambem esta versão não nos parece com visos de probabilidade.

Será, quando muito, um facto historico a averiguar e cuja investigação deixâmos á competencia dos eruditos.

Atribuem-no outros a época muito mais recente.

Mas este, caros leitores, já vai longo, e como isto não vai a matar, continuaremos no proximo numero.

Y.

As obras no teatro

—(*)—

Como prometemos, em vista da carta que aqui publicámos a proposito das obras actualmente em execução na nossa casa de espectaculos, voltamos ao assunto e para isso procurámos alguem que faz parte da actual direcção, que nos disse: As obras a que estâmos procedendo, estão absolutamente dentro do principio estabelecido pela reconhecida necessidade de modificações e ainda pela decisão assente para elas, desde que as transactas direcções deliberaram executar grandes obras que importam em não menos grande dispendio.

Todavia, antes de principiar aquelas que tiveram agora inicio, ouvimos o conselho fiscal e a mesa da assembleia geral, sendo todos concordes na sua efectivação. Pretendemos, porêm, uma outra—o balcão—mas para essa resolvemos convocar a assembleia geral para ouvir e acatar a sua opinião.

De resto, as obras trazem um aumento de 210 logares na plateia, incluindo neste numero os 60 que já facultavam as frizas. São, pois, 150 logares que a modificação nos proporciona.

As obras custarão 5 ou 6 contos, mas do aumento resultante dos logares já obtidos e daqueles que nos dará o balcão, conseguiremos facilmente a importancia suficiente para os juros e amortisação dessa quantia, que esperamos obter em pouco tempo. As obras seguem—acrescentou o nosso informador—com toda a celeridade, de fórma a que os espectaculos cinematograficos possam, como nos anos anteriores, ter o seu inicio no proximo dia 15 de outubro.

Conseguidas estas explicações, que lealmente reproduzimos, podemos afirmar que o assunto encontrou éco entre quantos por ele se interessam, e alguns apaixonadamente, sendo de presumir que haja séria controversia e rude discussão sobre a oportunidade, merecimento e resultado da obra iniciada neste momento com absoluto despreso, dizem, pelo projecto da anterior direcção,

SAUDE PUBLICA

—0—

Ha muito que, com mais ou menos alternativas de gravidade, a saude publica é alarmante.

Após o tifo, sobreveio a pneumonica, seguiu-se a variola, que ha 5 ou 6 mezes nos não deixa, fazendo sucessivas vitimas, e agora aparece a meningite—segundo nos informam—com um caracter epidemico.

Excepção feita á superintendencia do Hospital da Misericordia, que ali tem recebido o maximo de enfermos, isolando quantos dessa precaução precisam e adoptando todas as medidas que a situação exige, não temos visto, embora haja tanto tempo decorrido, que as autoridades sanitarias dêem sinal da sua existencia, tão alheiadas deste estado de cousas se mostram, tão pouco querem saber de sufocar a propagação de todos os males que, ha muito, numa terrivel sucessão pouco agradavel, nos tem assaltado, arrebatando tanta vida e espalhando o luto e a miseria por tanta parte.

Nada, sempre nada, e nada continuadamente, apezar das melhoras do snr. Delegado de Saude se terem acentuado por fórma a permitirem-lhe erguer-se cêdo, deixando de gosar na cama aqueles momentos matutinos que fazem a delicia do burguês endinheirado...

Escola Industrial

As matriculas para esta escola, tanto para o curso do comercio como para o de desenho, começam em 1 de setembro e terminam a 20 do mesmo mez.

Os interessados teem de apresentar os seguintes documentos, além do requerimento:

Para o curso do comercio: atestado medico e certidão de exame de instrução primaria (2.° grau). Para o curso de desenho, apenas o preenchimento do respectivo boletim.

Todas as informações são dadas na secretaría da escola, das 12 ás 14 e das 17 ás 19 horas.

Notas mundanas

Regressou do front, onde se distinguiu como militar e como português, o nosso ilustre conterraneo e amigo, snr. Barão de Cadóro, a quem enviâmos um cordeal abraço de bôas vindas.

== De S. Paulo, E. U. do Brazil, veio o sr. Bento de Carvalho, considerado capitalista.

== Com sua esposa encontra-se na Costa Nova do Prado, a passar o mez corrente, o sr. Antonio dos Santos Vitor, digno escrivão de direito em Vieira do Minho.

== Tambem veraneiam na mesma praia os srs. juiz de direito da comarca, dr. Pereira Zagalo, dr. Alberto Souto, a familia do dr. Abilio Marques, Augusto Guimarães, Artur Sacramento e outros habituées *que, por completo, ocupam tanto os* palheiros *da beira rio como os* da lomba.

== Está em Espinho, onde conta demorar se até meados de Outubro, a distinta professora, sr.ª D. Aurea Vieira de Castro.

== Para o snr. dr. Hernani Ferreira de Miranda, advogado em Albergaria-a-Velha, foi ha dias pedida em casamento, por seus paes, a sr.ª D. Adilia Marques da Cunha, galante e prendada filha do capitalista desta cidade, sr. Inácio Marques da Cunha.

O enlace deve efectuar-se antes do fim do ano.

== De Liverpool seguiu para Londres o nosso conterraneo Vasco Soares.

== Veio de Lisboa passar alguns dias á sua casa de Esgueira e em companhia de seu irmão Manuel, ha pouco chegado de S. Paulo, Brazil, o sr. José Mateus Farto, dedicado republicano.

== A' mesma povoação chegou de egual procedencia, o sr. Manuel de Bastos.

== Seguiu para Vizela a snr.ª D. Maria Trancoso Magalhães.

Sêlos postaes

Entrou em circulação uma nova série de estampilhas do correio ultimamente creada, sendo o padrão egual ás primeiras emitidas depois do advento da Republica.

Não oferecem, por isso, novidade senão aos colecionadores.

Os assinantes de *O Democrata* devem avisar a sua administração sempre que mudem de residencia.

O CALOR

Noticias de vários pontos do estrangeiro constatam que a temperatura elevadissima do mez de agosto excedeu em muitos gráus as dos verões passados, dizendo os inglêses que de ha 30 anos a esta parte não se lembram de suportar tão intenso calôr.

Por seu turno os habitantes de Paris tiveram de fugir para o campo e para os bosques, desertando dos *boulevards*, em busca de sombras onde as perturbações astraes e as manchas do sol os não encomodasse.

Enfim: se as condições atmosfericas se não modificam tão depressa, morriamos todos assados.

Sem haver cerveja que nos valesse...

Isto vae lindo...

—(*)—

Uma associação que, em Coimbra, tinha por fim apoderar-se das coisas alheias

Transmitem da terra das arrufadas, em data de 21 de agosto:

A cidade alarmou-se ontem com a descoberta de uma numerosa *troupe* de empregados no comercio de diferentes ramos, que constituiram uma associação com regulamento, séde decentemente mobilada. Era uma especie de *bolchevismo*, mas diferente daquele apregoado por Lenine. O caixeiro de uma loja de fazendas defraudava o patrão, fornecendo fatos aos seus consocios. Um outro de ourives brindava-os com objectos de ouro, sucedendo outro tanto a um consocio empregado numa sapataria. Isto é: andavam bem vestidos, excelentemente calçados, adornados com joias de ouro, tudo de graça. Da *troupe* faziam tambem parte um caixeiro de drogaria e dois de mercearia, de maneira que não faltavam perfumes, medicamentos e bons géneros para a sua cosinha comunista. Numa das ultimas noites houve festa rija na séde da associação, que, pelos modos, era na Rua das Fangas, esvaziando-se duas duzias de garrafas de vinho do Porto. Estabeleceram uma senha, e foi o que fez descobrir a manobra. Quando um socio precisava, por exemplo, de um fato, mandava um portador á loja de fazendas indicada, na ocasião em que o patrão estava ausente, e exigia tantos metros de cheviote e, no acto das contas, dizia:

— *E' de abafa...*

Sendo esta a senha combinada, levava o fato sem mais formalidades nem embaraços. No largo Miguel Bombarda está o estabelecimento do snr. David Trindade, que tinha um caixeiro pertencente á misteriosa associação. Um dos socios mandou ali um moço buscar duas canetas de tinta, ensinando-lhe a senha. Parece que o empregado *comunista* não estava na ocasião, e o moço dirigiu-se ao primeiro que encontrou, estranho á manobra. Quando o moço recebeu as canetas, disse na fórma do costume:

— *E' de abafa...*

— Qual de abafa, nem qual carapuça—retorquiu o caixeiro—passe para cá o dinheiro se quizer levar o artigo.

Estava descoberta a nova associação *bolchevista!* Muitos dos associados fugiram de Coimbra. Alguns patrões limitaram-se a despedi-los, mas outros enveredaram para os gabinetes da policia. O caso tem dado que falar na cidade, e ontem não se ouvia senão a cada canto:

— *E' de abafa...*

Na séde da *troupe*, que se compõe de cêrca de 20 figuras, foi encontrado um grupo fotografico.

E que tal os marmanjos, hein? *E' de abafa!* Ora abafados precisavam eles mas era dentro duma enxovia onde houvesse moscas em barda, mosquitos sem conta e percevejos ás carradas...

Para saberem como elas mordem...

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 28 de agosto

Os lavradores destes sitios começaram já as colheitas dos milhos temporãos, cuja abundancia este ano é superior á do ano passado.

Se as sementeiras serodias corresponderem em fruto ao magnifico aspecto com que se apresentam, é de prever uma baixa sensivel no preço do cereal, tão desejada nos tempos que vão correndo.

—— Na segunda-feira de tarde atravessou a Costa em direcção ao norte, um biplano que vinha do sul voando a uma altura relativamente baixa, a ponto de se verem á vista desarmada os tripulantes e as bandeiras nacionaes que trazia desfraldadas.

Quasi toda a gente saiu para a rua a presencear a sua marcha, que era vagarosa, devéras surpreendente.

—— Vai ser fixado o dia 12 de outubro proximo para a eleição da Junta da freguesia de Requeixo que, por falta de eleitores, se não realisou a 13 de julho.

C.

REGIMENTO DE CAVALARIA N.° 8

O Conselho Administrativo faz publico que no dia 6 de setembro proximo, por 13 horas, se procederá á venda em hasta publica, na parada deste quartel, de 11 solipedes julgados incapazes para o serviço do exercito.

Quartel em Aveiro, 25 de agosto de 1919.

O tesoureiro,

Francisco Marques Lima
alferes

Concurso

Acha-se aberto concurso por espaço de trinta dias contados da publicação de este anuncio no *Diario do Govêrno*, para provimento do partido medico, com séde na vila de Vagos, com o ordenado de 450$00 e pulso sujeito á tabela camararia.

Os concorrentes deverão apresentar os seus requerimentos na secretaría da Câmara, instruidos com os documentos legais, dentro do referido praso.

Vagos, 23 de agosto de 1919.

O presidente da Comissão Executiva,

Jaime Encarnação Rebelo

ANUNCIOS